

O olhar, a TV e o princípio do prazer: as estratégias de sedução na mídia

Ana Lúcia Osório de Oliveira¹, analuosorio2004@yahoo.com.br

1. Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), MG; professora na Universidade Presidente Antônio Carlos de Barbacena (UNIPAC), MG.

RESUMO: O presente artigo traz uma discussão sobre a interface entre a Psicanálise, a Comunicação e a Política. A partir dos conceitos psicanalíticos, extraídos da obra freudiana, tais como inconsciente, princípio de prazer e princípio de realidade, a questão do olhar, é feita uma interface com as estratégias de sedução acionadas pela propaganda política no universo da mídia. Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação tornaram-se espaço privilegiado das disputas políticas, que, no entanto, obrigam o discurso político a se tornar cada vez mais espetacular, em que o racional e o argumentativo cedem espaço ao emotivo e à sedução como formas de atrair o espectador. A propaganda política, ao construir mundos de natureza ficcional, aciona o olhar e apresenta para o público o mundo do prazer e o afasta do princípio de realidade.

Palavras-chave: princípio de prazer, olhar, televisão, propaganda política.

RESUMEN: La mirada, la televisión y el principio del placer: las estrategias de seducción de los medios de comunicación. Este artículo trae una discusión sobre la interfase entre Psicoanálisis, la Comunicación y la Política. A partir de los conceptos psicoanalíticos, extraídos de la obra freudiana, tales

como inconsciente, principio del placer y principio de realidad, sobre la mirada, es hecha una interfase con las estrategias de seducción accionadas por la propaganda política en el universo de los medios de comunicación. En la sociedad contemporánea, los medios de comunicación se transformaron en espacio privilegiado de las disputas políticas, que, entretanto, obligan el discurso político a transformarse cada vez más espectacular, en que lo racional y lo argumentativo dan espacio a lo emotivo y a la seducción como formas de atraer al espectador. La propaganda política, al construir mundos de naturaleza tipo ficción, acciona la mirada y presenta para el público el mundo del placer y lo aleja del principio de realidad.

Palabras llaves: principio del placer, mirada, televisión, propaganda política.

ABSTRACT: This article carries out a debate on the interface between Psychoanalysis, Communication and Politics. From Freudian psychoanalytic concepts as unconscious, pleasure principle, reality principle and question of eye's look, the interface between strategies of seduction used on media universe by Political Publicity is designed. In contemporary society, mass media has been established as privileged place to political disputes, in which rational and argumentative devices are replaced by emotiveness and seduction as ways to attract the spectator. While worlds of fictional nature are constructed by Political Publicity, it activates the eye's look, showing to its audiences a pleasure world, keeping them a part of reality principle.

Keywords: pleasure principle, eye's look, television, political publicity.

I – As contribuições freudianas sobre a concepção de princípio do prazer e de princípio de realidade a partir da obra *O mal-estar na civilização*

Numa sociedade midiaticizada, em que os indivíduos passam boa parte do dia diante dos meios de comunicação, há uma mudança na forma como a

realidade é percebida. Crianças divertem-se frente à televisão, ao *video-game* e agora já têm grande habilidade sobre a internet. Os adolescentes gastam horas e horas diárias entre jogos virtuais, *msn*, *orkut*, salas de bate-papo ou baixando música na internet. Os adultos utilizam, muitas vezes, a internet como uma ferramenta de auxílio no trabalho, seja para fazer consultas, seja para passar e-mails. As horas de entretenimento também são utilizadas, principalmente, pelo meio televisivo.

Em diferentes faixas etárias e estratos sociais, percebe-se que a mídia, principalmente a de apelo visual, é preponderante. Por isso, remete-nos a uma discussão importante no campo da Psicanálise sobre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Freud (1997), ao escrever o ensaio **O Mal-estar na Civilização**, publicado inicialmente em 1930, tratou do assunto. A obra de Freud, mesmo que tenha sido, predominantemente, voltada para a questão clínica, mostra também a possibilidade de se construir uma compreensão mais ampla sobre a condição humana. Para esse autor, a cultura é, de certa forma, uma sublimação. Ao discutir a condição humana, ele acredita que o ser humano vive um eterno conflito entre as pulsões de vida (*Eros*) e as pulsões de morte (*Tanatos*).

No seu texto, Freud destaca que todo o edifício teórico da psicanálise está fundado na compreensão do sujeito perante suas defesas e estratégias para interagir com o mundo externo e por meio daquilo que ele consegue identificar como sendo o seu ser, o qual se move na busca incessante de realizar seus desejos. Por meio da descoberta do inconsciente, Freud busca compreender melhor as neuroses e as patologias que marcam a vida dos indivíduos.

Inicialmente, interpretando seus sonhos e os dos seus pacientes, o autor vai consolidando com invejável rigor científico um vasto campo teórico no qual assentaria a psicanálise. Paralelamente a esta investigação do microcosmo do ser humano, esse psicanalista constrói uma ponte teórica entre o ser humano e a civilização, não deixando de identificar uma forte relação causal entre o sofrimento neurótico do ser humano e o próprio processo civilizatório em que o mesmo está imerso. É sobre este traço do pensamento freudiano, o desenvolvimento da civilização e sua relação na estruturação psíquica do indivíduo, identificado como o seu pensamento social.

O texto **O mal-estar na civilização** tem como tema principal o conflito irremediável entre as exigências da pulsão do ser humano e as restrições impostas pela civilização. Buscando fazer uma descrição resumida de suas descobertas, Freud descreve como se desenvolve o eu em um ser humano. O primeiro momento em que o eu é contrastado com um objeto é quando este descobre que uma fonte vital de prazer lhe é subtraída, só reaparecendo quando grita. Esta fonte é o seio da mãe, na realidade, o primeiro objeto que diz existir algo

externo a ele. A outra função importante que forja o eu, forçando-o a separar-se da massa geral de sensações, é o confronto movido pelo princípio do prazer, uma das forças motrizes de todo o desenvolvimento humano, com as inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer. Surge uma tendência a isolar do eu tudo o que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e criar um puro eu em busca do prazer, que sofre o confronto com um exterior estranho e ameaçador.

Conforme esclarece Freud (1930 [1997]), é por meio dessa luta do homem com o seu mundo exterior que começa a se diferenciar o eu do mundo externo, começando o ser humano a introduzir o princípio de realidade, que estruturará todo o seu desenvolvimento posterior. A finalidade do princípio de realidade é, no seu confronto com o princípio do prazer, capacitar o ser humano a construir defesas que o protejam dos desprazeres de que o mundo externo o ameaça.

Freud, ao descrever a estruturação do eu do ser humano, identifica nesta relação do eu com os objetos existentes no mundo externo, principalmente, com sensações que estes objetos causam no interior do ser, um importante ponto de partida de distúrbios patológicos. Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não eu, mas objeto, e certos sofrimentos que se procuram extirpar mostram-se inseparáveis do eu, por causa de sua origem interna. Com o objetivo de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o eu não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior - este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos.

Freud busca, ainda, explicar as origens do sentimento oceânico que seu amigo Romain Rolland tinha utilizado para explicar as fontes da religiosidade, ou seja, a relação do ser humano com um ser infinito e abstrato que é fundada neste sentimento. Demonstrando que as origens desse sentimento religioso estão na própria gênese do ideal do eu, e, portanto, no íntimo do ser humano, Freud apresenta a evolução e a própria instituição do ser humano como sujeito, no momento em que o eu se separa do mundo externo. O que era para o eu, inicialmente, um único universo (eu e o mundo externo), forçado pelo princípio de realidade o eu se constitui limitado em suas dimensões. O eu não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento mais inclusivo - na verdade, totalmente abrangente - que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o eu e o mundo que o cerca. Assim, em muitas pessoas esse sentimento primário persiste, lado a lado, ao sentimento mais restrito de eu, sendo a sua representação mais adequada o "sentimento oceânico" de vínculo com o universo.

Ao refletir sobre o propósito da vida humana, Freud identifica um princípio geral que mostra ser o propósito que move todo ser humano diante da vida. Segundo esse autor, os homens esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Por conseguinte, ele identifica o propósito da vida humana em buscar intensamente o prazer e evitar o sofrimento, concluindo que o princípio do prazer define o propósito da vida. Reconhece, entretanto, que este objetivo jamais será satisfatoriamente alcançado, uma vez que tanto o macrocosmo quanto o microcosmo do homem jogam em sentido contrário a esse princípio.

Na concepção de Freud, enquanto a felicidade é impossível de ser alcançada, limitada pela própria constituição do ser humano, o sofrimento ataca o homem por três flancos: o primeiro, a partir do próprio corpo “condenado à decadência e à dissolução”, o segundo através das forças destruidoras e poderosas do mundo externo e, finalmente, o sofrimento decorrente do relacionamento com outros seres humanos, classificando este último como o mais penoso de todos. Diante dessas forças, o ser humano vê-se obrigado, como uma forma de defesa diante delas, a moderar as suas expectativas, domesticando o princípio do prazer, reduzindo-o a um mero princípio de realidade. Colocando-se em primeiro plano a já árdua tarefa de evitar o sofrimento, a busca pelo atendimento ao princípio do prazer passa a ser secundária.

Freud, ao realizar uma sinopse das diversas formas e métodos pelos quais a humanidade vem tentando buscar o prazer, apesar de, em nenhuma delas, ter-se a garantia de sucesso, identifica a intoxicação química, a religião e a fruição das obras de artes como formas legítimas de se conseguir prazer, colocando em primeiro plano uma importante técnica para arte de viver: o amor. Esse conjunto de processos mentais internos dirige a sua libido para um objeto para extrair satisfação deles. Entretanto, mesmo esta arte, como ele afirma, é frágil em garantir uma perene realização do princípio do prazer, uma vez que o ser apaixonado demonstra uma grande vulnerabilidade diante do seu objeto. Assim, podemos afirmar que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca nos sentimos tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver.

Essa dificuldade do ser humano em encontrar a felicidade pode ser claramente evidenciada no sujeito histérico. Vivendo em conflito, na busca de um desejo não satisfeito, o histérico, diante do princípio de realidade, desloca suas angústias. No século XIX, nos primeiros estudos de Freud sobre a histeria, verificou-se que as histéricas faziam um deslocamento destas angústias para sintomas corporais. Hoje, a situação não é diferente. Na ausência de prazer, elas buscam formas de aliviar o sofrimento e procurar ocupar a cena, para chamar a

atenção, buscar afeto de outras formas, como o próprio culto pelo corpo, uma insatisfação com a questão estética, que faz com que os indivíduos não se contentem com o atual estado de seus corpos.

Freud, após ter apresentado a concepção do eu - com as implicações que a Psicanálise - bem como o princípio do prazer e o princípio de realidade como duas forças que movem e moldam o ser humano na sua relação com o mundo externo. O autor dá início a uma reflexão sobre as relações sociais, o que ele chama de a fonte social do sofrimento. Para Freud, a civilização impõe-se ao homem, projetando-o do estado de natureza para o estado de sociedade, à custa de restringir aquilo que é considerado o propósito da vida: a felicidade, conquistada por meio da tentativa de realização do princípio do prazer. As relações sociais são reguladas tendo como base a restrição às liberdades humanas individuais, as quais o indivíduo experimentara antes de viver em sociedade. Essas restrições, se, por um lado, viabilizam a vida em sociedade, por outro, trazem sérias implicações à organização psíquica do ser humano.

Freud, apesar de reconhecer as desvantagens da vida em estado de natureza, considera que a liberdade do indivíduo não constitui um resultado da civilização, ao contrário, a civilização está fundada exatamente na capacidade de, com seus mecanismos reguladores, restringir essa liberdade. O homem se constitui assim, como ser social, aprisionado a um dilema que parece insolúvel: enquanto no estado de natureza tinha uma liberdade ilimitada - tinha pouco valor, uma vez que estava à mercê de encontrar um mais forte à sua frente, no estado de sociedade, a entidade reguladora, a civilização, mantém uma certa ordem, porém ao elevado custo de restringir suas liberdades. Por conseguinte, em razão dessa liberdade perdida, o autor identifica que o ser humano estará, permanentemente, em conflito com a civilização, reconhecendo que cada revolução, cada impacto que a humanidade experimenta, é uma tentativa de externar (e superar) este conflito, esta inquietação, e é assim que a civilização evolui.

Segundo Freud, grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente, isto é, uma acomodação que traga felicidade -, entre essa reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo. Esclarece também que um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se este conflito é irreconciliável.

Freud afirma que tudo joga contra a realização desta pulsão de vida, a busca da felicidade. O autor considera a regulação da fonte social do sofrimento, ou seja, as relações sociais, o primeiro momento da civilização, a qual é fundada na capacidade de impor restrições à liberdade individual, originalmen-

te ilimitada, gerando uma relação que projeta a humanidade em um permanente conflito com a sua civilização.

Ao observar o comportamento psíquico das pessoas, Freud esclarece que, graças à sublimação das pulsões, é possível o desenvolvimento cultural. Ele aborda como se deu este desenvolvimento - a sua origem e os determinantes de suas formas. Retorna ao mito da família primitiva, já apresentado em *Totem e Tabu* (1913 [1972]), definindo como a causa da formação social primitiva, a ultrapassagem do poder do pai primevo, tirano e possuidor de todas as mulheres, pelos filhos. Após sobrepujar o pai, os filhos descobrem que uma combinação de forças pode ser mais forte que o indivíduo isolado. Em um segundo momento, os filhos, percebendo que cada um deles queria tomar o lugar do pai, estabelecem as primeiras regras que fundam a civilização primitiva. Será criado um totem que passará a representar a figura do pai, impedindo que alguém lute para conquistar o lugar do pai: também será regulada a relação com as mulheres, assim cada um será forçado a buscar a sua companheira em outro grupo tribal.

Dessa forma, o tabu ao incesto consolida-se como a primeira lei estabelecida entre os homens, demarcando uma passagem para a vida em civilização. Portanto, a primeira restrição que a civilização impõe e sobre a qual se funda é uma restrição sobre a sexualidade humana. Freud, por meio de seus estudos, estabelece a questão da sexualidade como um dos fundamentos da constituição e do desenvolvimento da civilização. Ele constrói um corpo de idéias que, mesmo 100 anos após, continua a causar polêmica e é sempre alvo de críticas e contestações pela moral tradicional.

Os preceitos do tabu constituíram o primeiro direito ou lei. A vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho - criada pela necessidade externa - e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual - a mulher - e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada - seu filho.

Freud (1930 [1997]), após ter identificado as origens do desenvolvimento do homem e de sua civilização nas restrições às liberdades individuais, e, principalmente, na restrição à realização dos seus desejos sexuais, esclarece que a sexualidade passa a ter importância fundamental no pensamento social. A sexualidade é definida por ele como o protótipo da felicidade, então, sendo a felicidade o propósito da vida, a pulsão sexual se encontrará acuada e restringida diante da civilização.

Depois de apresentar a libido como uma força que visa a unir todos os homens em comunidades por meio dos laços libidinais, chamado por ele de “a libido inibida em sua finalidade”, Freud debruça-se sobre um outro aspecto da constituição humana, tão forte e igualmente poderoso quanto à sexualidade: a

agressividade. Esta é, para o autor, parte fundamental e inalienável da natureza humana. Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas, portanto, no máximo, podem defender-se quando atacadas; ao contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Por conseguinte, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual. Contudo, esse outro pode ser, também, alguém que pode ser estabelecer uma relação de agressividade, alguém que pode explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo.

Podemos afirmar que o controle e a regulação dessa agressividade tem sido o maior desafio da civilização. A religião e a ética constituem resultados destes esforços coibitivos sobre a agressividade humana. Freud observa que, apesar de séculos de repressão à agressividade, os empenhos da civilização, até hoje, não conseguiram muitos resultados. O autor reconhece, ainda, a agressividade como uma característica constitutiva e importante da natureza humana.

Sob este aspecto, o arsenal tecnológico criado pela humanidade também tem contribuído para controlar os impulsos agressivos dos indivíduos. Por isso, é muito polêmica a tese sobre a influência dos meios de comunicação no estímulo à violência. Para muitos analistas, a televisão, o cinema, ao utilizarem, excessivamente, cenas de violência, não estariam incentivando, mas funcionariam, muitas vezes, como uma forma de catarse, de sublimação. Esclarecemos que outros teóricos contestam e apontam os malefícios do excesso de cenas de violência, como em episódios em que filmes acabam estimulando a ação de psicopatas. Como essa é uma questão cheia de controvérsias, não cabe uma maior discussão neste trabalho.

Assim, para Freud (1930 [1997]), a civilização se funda à medida que constrói a capacidade de regular, impondo severas restrições, a dois impulsos estruturais da vida humana: a sexualidade e a agressividade. São estes dois impulsos que movem o ser humano na sua busca incessante em realizar o programa do princípio do prazer, e que jamais será possível realizar, pois a vida em sociedade, resultado do desenvolvimento da civilização, só é possível graças às restrições reguladoras sobre estes impulsos.

Esse psicanalista reconhece, nessas restrições, ou seja, na sexualidade e na agressividade, um enorme sacrifício imposto ao ser humano, uma vez que tudo isso vai de encontro ao princípio que move e impulsiona este para a vida, o princípio do prazer. “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização” (Freud, 1930 [1997], p. 72). Nesse sentido, para Freud (1930 [1997], p. 72), “o homem civilizado trocou

a parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança". Com esta frase, o autor resume bem o dilema do homem diante da civilização.

Por meio da teoria psicanalítica, Freud aprofunda a compreensão da natureza humana e do seu dilema diante da civilização, utilizando o conceito de "pulsão", teoria já desenvolvida por ele em trabalhos anteriores. A pulsão pode ser classificada em duas categorias: pulsão do ego e pulsões objetais; o autor tenta refletir sobre estas instâncias constitutivas do ser humano em suas relações com a civilização. Freud (1930 [1997]), após ter apresentado o conceito de pulsão sexual, apontada como responsável pela permanente tarefa de unir a vida orgânica, o qual ele chamou de Eros - apresenta o que considera o antípoda à pulsão da sexualidade, que é a existência de uma pulsão de morte a qual opera igualmente na vida orgânica, só que no sentido contrário ao de Eros, relacionando-se com este em um permanente e incansável conflito.

São estas forças constitutivas do ser humano que têm movido, e movem, a humanidade ao longo do desenvolvimento de toda a civilização. Para Freud, a luta e o conflito incessante dessas forças poderosas da natureza humana têm sido o verdadeiro motor da história. Freud esclarece que o progresso da civilização, impulsionado por estas relações dialéticas entre Eros e Tanatos, é fundado em um delicado equilíbrio, no qual a síntese é o homem e sua civilização em um certo momento no tempo. Na luta cultural entre o homem com suas pulsões e a civilização, ele questiona qual o mecanismo utilizado pela última para inibir a agressividade humana.

Ao estudar a história do desenvolvimento do indivíduo, o autor identifica um mecanismo extremamente eficiente e inusitado: a agressividade é introjetada para o interior do sujeito, dirigida para o interior do próprio eu e enviada de volta para o lugar de onde proveio. Institui-se, no eu, uma instância que Freud deu o nome de supereu, que atua sob a forma de consciência, como um vigilante censor disposto a orientar a agressividade na forma de punição sobre o eu. Estabelece-se, entre estas duas instâncias, uma tensão que foi denominada de sentimento de culpa e que demanda para o sujeito uma necessidade de punição. A civilização, portanto, consegue, dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo, no seu interior, um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada. O supereu tem um espectro de atuação amplo e nada pode escapar ao seu conhecimento, atuando como um atormentador fiscal das pulsões do eu.

Em relação ao supereu social, podemos afirmar que, na atualidade, ao contrário do século XIX em que a religião era a principal fonte de controle das pulsões dos indivíduos, reprimindo e ditando normas, têm-se novas formas de controle, como as geradas pelas tecnologias, como a mídia. Deste modo, uma evidência desse controle é o próprio padrão de estilos e comportamentos, ca-

minhando para uma certa homogeneização de valores. Por isso, é importante relacionar estas discussões atuais à hipótese central da obra *O Mal-Estar na Civilização* (1930 [1997]), a qual repousa no surgimento da civilização como uma função mediadora e restritiva sobre as forças instintivas da natureza humana, desdobrando-se em Freud, para a compreensão da formação da consciência humana.

Freud, ao descrever as inter-relações entre o eu e o supereu, identifica dois estágios fundadores da consciência humana: o primeiro é a renúncia à pulsão devido ao medo da agressão externa, a autoridade, a lei; e o segundo momento é a organização de uma autoridade interna, o supereu, e a renúncia da pulsão devido ao medo desta censura interna. Com relação ao supereu, o eu se submete a um estado de dominação que o projeta em uma situação em que a intenção de um desejo (originado para atender a uma demanda instintiva) tem a mesma força, como geradora de sentimento de culpa, da realização de uma ação para atingir este mesmo desejo. Ação e intenção têm o mesmo valor na estrutura interna do eu.

Com base no conceito de renúncia à pulsão, Freud apreende o momento do surgimento da consciência. Segundo o autor, toda renúncia à pulsão torna-se agora fonte dinâmica de consciência, e cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última. O relacionamento entre o supereu e o eu constitui um retorno deformado por um desejo dos relacionamentos reais existentes entre o eu e um objeto externo. Para Freud, a consciência surge em decorrência da repressão de um impulso agressivo, que constitui um reflexo do impulso agressivo originado pela força da autoridade externa, sendo, por meio da identificação, que o indivíduo retorna esta mimese de agressividade como reação à restrição das suas pulsões por parte desta mesma autoridade.

O valor de pensamento social de Freud, que difere de outros pensadores, está na capacidade de refletir a vida humana como parte de um contínuo que tem o seu limite inferior na vida orgânica, o microcosmo biológico, bem como o seu limite superior à vida em sociedade (civilização). Freud perpassa, com as suas descobertas, o ser humano, colocando-o nesta escala da vida como apenas um elemento desta cadeia, não tendo o homem privilégios ou isenções diante de certos mecanismos e pulsões que organizam a vida em sociedade. Para Freud, *Eros* e *Tanatos* são pulsões que organizam tanto o desenvolvimento de um ser humano quanto o desenvolvimento da civilização.

II – O olhar, a sociedade escópica e a TV

Assim como Freud falava da religião e da ética como meios de domesticar as pulsões agressivas e sexuais do homem, hoje, com os avanços tecnológicos, existem novas maneiras de exercer esse domínio, como a indústria cultural,

que utiliza os meios de comunicação de massa para servir de vitrine para despertar desejos e manter o sujeito sob controle. No livro **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**, Andrade (2002) discute o conceito de sociedade escópica, com o objetivo de mostrar como a tecnologia criou um novo tipo de sentimento paranóico, a razão paranóica. O autor explica que o cúmulo da sociedade escópica é o fato de que não se trata apenas do império do vídeo e da televisão e o imperativo de ser visto, mas também a utilização da tecnologia científica para fazer existir o olhar, colocando na prática um grande controle, em que todos se sentem vigiados, pois na verdade essa possibilidade está, permanentemente, presente.

Andrade (2002) afirma que dois exemplos tão díspares nos mostram a presença e a importância do olhar na subjetividade e na sociedade contemporânea. O autor mostra, a partir da Psicanálise, a estrutura do escopismo em sua multiplicidade sem, no entanto, visar ao esgotamento ou a uma revisão bibliográfica do tema.

A psicanálise se inicia com o corte da visão para fazer surgir a livre associação. Freud recusou a encenação histérica orquestrada por Charcot para iluminar a Outra cena. Da mesma forma, o início de cada análise reproduz o corte freudiano quando o analista aponta o divã para o analisante. Apagam-se as luzes da reciprocidade dos olhares para fazer valer o nível escópico da pulsão, lá onde jaz a inércia da fantasia fundamental e se desenrolam seus roteiros cinematográficos (Andrade, 2002, p. 8).

Em suas análises, Freud buscou fundamentos para a pulsão escópica. Mas o que dá a visibilidade ao vidente é o olhar como objeto – objeto invisível que se encontra no fundamento da visibilidade que faz o eu perceber o objeto percebido. O olhar, como objeto, fornece o fundamento da existência de um “olhar no espetáculo do mundo”. A pulsão está na base do dar-a-ver do sujeito, e o afeta com um olhar que, mesmo estando excluído da visão, objetiva-o. Andrade (2002) explica que, com Lacan, a Psicanálise levanta o véu de horror que o gozo escópico provoca, fazendo o indivíduo descobrir que o olhar da Medusa está na posição de comando na civilização, devido a seu efeito de petrificação e fascinação.

Freud, no entanto, conceituou a libido no saber, mostrando que a causa é o próprio objeto da pulsão escópica. O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte de visão, mas como fonte de libido, ou seja, onde os antigos tinham o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a Psicanálise descobre a libido de ver

e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá, onde estava a visão, Freud descobre a pulsão.

Na concepção freudiana, a apreensão do objeto dá-se tanto para o olho como para a boca. Conforme explica Andrade (2002), aprende-se aqui o momento capital em que Freud, pressionado pela necessidade de compreender o *fading* escópico, conclui por uma “pulsão parcial localizada” no olho, ou seja, assim como a boca serve tanto ao beijo como ao ato de comer ou de falar, os olhos não percebem somente as mudanças do mundo exterior, importantes para a conservação da vida, mas também as propriedades dos objetos, pelas quais os olhos são elevados ao nível dos objetos da escolha amorosa, seu encanto.

Nesse sentido, tem-se o destino perverso do olho: ele não se contenta em preencher sua função animal de monitoração do mundo exterior – etimologicamente, o olhar é exatamente, o guardião, porquanto ele detalha o corpo do outro, do objeto erótico. O olhar tem uma função primordial para a auto conservação dos indivíduos, isto é, constitui a forma de estar de olho no mundo e nos seus acontecimentos. Mas é para preencher sua função de objeto erótico que o olhar advém do olho. O outro objeto é aquele que o sujeito convoca, que não se contenta somente em vê-lo: é preciso olhar, é preciso também desejar. O autor explica que, em função da pulsão escópica, o sujeito histérico será vítima das contradições do olhar.

A cegueira histérica é considerada um tipo de perturbação psicogênica visual. Acredita-se, de modo geral, como resultado das pesquisas da Escola Francesa (inclusive homens da categoria de Charcot, Janet e Binet), que a gênese desses casos já é conhecida, pois estamos em condições de provocar, experimentalmente, uma cegueira dessa espécie, se dispusermos de alguém susceptível ao sonambulismo. Se o submetemos a hipnose profunda e lhe sugerirmos a idéia de que ele nada vê com um de seus olhos, ele realmente se comportará como se tivesse ficado cego daquele olho, como o histérico que, espontaneamente, desenvolveu uma perturbação visual.

Nesse sentido, pode-se armar o mecanismo das perturbações históricas, espontâneas, da visão, baseados apenas no modelo de sugestão hipnótica. No histérico, a idéia de estar cego surge, não da insinuação do hipnotizador, mas espontaneamente pela auto sugestão. Em ambas as situações, a idéia é tão poderosa que se converte em realidade, exatamente como uma alucinação ou paralisia sugerida. Segundo Freud (1910 [1969], p. 197), isto parece compreensível e “satisfará qualquer pessoa que não leve em consideração os numerosos enigmas que se escondem por trás dos conceitos da hipnose, da sugestão e da auto-sugestão”.

Freud esclarece que experiências apropriadas demonstraram que as pessoas que ficam cegas em virtude de histeria vêm, porém, em certo sentido,

mas não completamente. As excitações no olho cego podem provocar certas conseqüências psíquicas (por exemplo, podem provocar emoções) embora não se tornem conscientes. Dessa forma, as pessoas histericamente cegas só o são em relação ao processo consciente. No plano inconsciente, elas vêem. São observações como estas que nos levam a distinguir os processos mentais conscientes dos inconscientes.

Nos pacientes predispostos à histeria, há uma tendência inerente à dissociação - a uma desagregação das conexões em seu campo psíquico - em conseqüência da qual certos processos inconscientes não prosseguem até o inconsciente. O paciente histérico fica cego, não em conseqüência de uma idéia auto-sugestiva de que ele não pode ver, mas como resultado de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver; sua idéia de que não vê é a expressão bem fundada da condição psíquica e não sua causa (FREUD, 1910 [1969], p. 198).

Segundo Freud, os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objeto de amor - seus encantos. Para o autor, isso confirma a idéia de que não é fácil para alguém servir a dois senhores ao mesmo tempo. Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla desta espécie, entra com um dos principais instintos tanto mais ele se retrai do outro. Freud ressalta que esse princípio provoca conseqüências patológicas, caso os dois instintos fundamentais estejam desunidos e caso o ego mantenha a repressão do instinto sexual componente em questão. Segundo o autor, tal situação pode ser facilmente aplicada ao olho e a visão.

Quanto ao olho, Freud (1910 [1969], p. 197) esclarece que “estamos acostumados a interpretar os obscuros processos psíquicos implicados na repressão da escotofilia sexual e no desenvolvimento da perturbação psicogênica da visão”. O autor, para explicar o caso, afirma que é como se uma voz punitiva estivesse operando no indivíduo - “Como você tentou utilizar mal seu órgão da visão para prazeres sensuais perversos, é justo que você nunca mais veja nada” (Freud, 1910 [1969], p. 202). Segundo o autor, tal situação é como se, assim, estivesse aprovando o resultado do processo. “A idéia da pena de talião está implícita nisto e, de fato, nossa explicação da perturbação visual psicogênica coincide com o que sugerem os mitos e lendas” (Freud, 1910 [1969], p. 202).

Podemos afirmar que a sociedade contemporânea constitui uma sociedade do espetáculo. Mas nunca se articulou esse caráter com a subjetividade, somente com os meios de produção capitalista, como o fez Débord (1997) –

aspecto que certamente dela não está ausente. Tornou-se clássica a sua obra **A sociedade do espetáculo**, livro publicado na França nos anos 60 e uma das obras inspiradoras de maio de 68. Foi uma obra marginalizada nos grandes circuitos acadêmicos internacionais, mas tem relevância ao trazer o pensamento de um dos teóricos mais importantes e mais misteriosos dos anos 60.

Em seu artigo **Espetáculo, mídia e política**, Rubim (2002) explica que, apesar de o livro ter sido escrito como um manifesto, portanto tornando difícil extrair conceitos com um maior rigor de espetáculo, é possível encontrar dois eixos interpretativos que podem servir para compreender a concepção de espetáculo trabalhada por Débord (1997). Segundo Rubim (2002), um dos eixos aponta o espetáculo como expressão de uma situação histórica em que a mercadoria ocupa papel central na sociedade. Nesse sentido, espetáculo, mercadoria e capitalismo estariam associados. O outro eixo interpretativo, conforme análise de Rubim (2002), refere-se à separação entre real e representação. Débord (1997) analisa como tal cisão inaugura a possibilidade da sociedade do espetáculo, ou seja, as imagens passam a ocupar lugar privilegiado tomando o lugar do real. No entanto, a obra de Débord (1997) vem sendo criticada por suas limitações, principalmente, por reduzir a mídia ao seu aspecto mercadológico e ao trabalhar com a idéia de que há uma separação contemporânea entre real e representação, partindo do argumento de que as imagens tendem a substituir o mundo real.

A sociedade do espetáculo remete a uma discussão sobre o espaço que a intimidade passou a ocupar no cenário social na atualidade. O psicanalista Birman (2002), ao discutir a sociedade contemporânea, destaca que vivemos uma sociedade intimista, em que a intimidade entra no espaço público, como fica cada vez mais evidente nos programas de entretenimento veiculados, principalmente, na televisão. É o caso do Big Brother Brasil (BBB), que acabou tornando-se um modelo de sucesso em vários países ocidentais, justamente por explorar o paradoxo olhar e ser visto.

No início dos anos 90, surgem mudanças substanciais no registro do íntimo. Com a globalização e a mundialização da cultura, até mesmo a esfera do trabalho passa por mudanças. É possível passar a trabalhar em casa, no espaço privado, íntimo. Os computadores permitem essa mudança, essa privatização da esfera do trabalho. Da mesma forma, cada vez mais a esfera do lazer está restrita ao espaço privado, cada vez mais intimista. Como apontam alguns autores mais pessimistas, como Sennett (1988), os indivíduos estão temerosos de ocupar o espaço público, por isso, ficam retraídos e se isolam nos espaços privados.

A privatização da experiência social gera um esvaziamento relativo da esfera pública, que repercute até na vida política. Na atualidade, os líderes políticos são avaliados pelos seus atributos pessoais, e o cidadão toma suas

decisões em sua própria casa e, dificilmente, participa de movimentos coletivos no espaço público tradicional. Esta inversão do público e do privado já emerge com a era burguesa, apresentando, na modernidade, uma desconstrução. Já não existem fronteiras nítidas entre o que é público e o que é privado. Se antes o privado era a esfera da família, do íntimo, do segredo, e o espaço público era o espaço dos debates, da aparição, do coletivo, hoje se vive um paradoxo, tem-se uma maior intimidade no espaço público e, conseqüentemente, perde-se a intimidade no espaço privado.

Analisando essa questão do espetáculo, Andrade (2002) afirma que a produção do olhar em nossa sociedade é privilegiada - como aparece no imperativo da fama, de celebridade e da transparência, no empuxo - ao - vídeo (televisão, cinema, vídeo) com a produção incessante de aparelhos fabricados pela ciência tecnológica e, também, no controle policesco em que todos devem ser vigiados o tempo todo.

O autor mencionado mostra que uma ética do olhar é o que decorre da análise que visa mostrar que o olhar é um furo, que o outro é cego por ser inconsciente e que o olhar é uma faísca, um fulgor, um relâmpago que se acende num instante, como o fogo de artifício, o brilho de uma jóia, eternizando o desejo, o belo desejo, o desejo escópico. Enquanto objeto da pulsão escópica, o olhar é o objeto exemplar da psicanálise, pois a desmontagem dessa pulsão mostra, paradigmaticamente, o *status* do sujeito no laço da pulsão - observa-se esse fato na clínica da perversão escópica e no sintoma neurótico, em que o olhar está em jogo. É a pulsão escópica que confere ao objeto desejado do mundo sensível seu caráter de beleza, permitindo ao sujeito tocá-lo com os olhos e desnudá-lo com o olhar. O gozo escópico que essa pulsão provê é o gozo dos espetáculos e também o gozo do horror, pois o olhar não pode se ver a não ser ao preço da cegueira ou do desaparecimento do sujeito, o que indica que toda pulsão é também pulsão de morte. De acordo com Andrade (2002), a civilização se funda na exclusão do gozo - tese de Freud nos clássicos textos **Totem e tabu** (1913 [1972]), e **O mal estar na civilização** (1930 [1997]). Por meio do mito do assassinato do pai primevo, Freud mostra que o fundamento da lei, que toma corpo no totem do pai morto, é a lei de interdição do incesto, ou seja, a proibição do gozo da mãe. Em seguida, Freud mostra que a civilização exige de cada um a renúncia pulsional.

Na análise freudiana, o supereu é a instância de observação crítica que não larga o sujeito, que o vigia, espiando seus atos e pensamentos de modo crítico, indicando-lhe, de forma imperativa, o que deve fazer, como é manifesto no delírio de observação. Como afirma Andrade (2002), essas duas funções do supereu - de observação e de crítica - são representadas pelos dois objetos de gozo que escapam da simbolização e, portanto, da civilização: o olhar e a

voz como mais-de-gozar; mais-de-olhar e mais-de-voz. “A civilização produz luxo e lixo. O olhar e a voz, excluídos do simbólico da civilização, aí retornam como dejetos que trazem mal-estar à civilização” (Andrade, 2002, p. 272).

O autor mostra, ainda, que a cultura, como processo civilizatório, equivale ao registro simbólico e à articulação significante, permitindo a organização da sociedade, as instituições, corporações, ciências, artes, entre outros. No âmbito escópico, segundo Andrade (2002), a civilização científica produz tudo o que nos permite a visão a distância (tele-visão) e a apreensão pela vista (fotografia, filme, vídeo) com seus múltiplos aparelhos. Nas artes, tudo o que inclui o âmbito visual: pintura, escultura, fotos, cinema, teatro, shows, entre outros. Entretanto, Andrade (2002) ressalta que o gozo escópico excluído retorna sob a forma de mal-estar.

Segundo Andrade (2002), a sociedade atual pode ser denominada de sociedade escópica, por ser comandada pelo olhar que conjuga a sociedade do espetáculo descrita por Débord (1997) e a sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault. É o olhar, excluído da simbolização efetuada pela cultura sobre a natureza, que retorna sobre a civilização, trazendo o gozo do espetáculo e o imperativo do supereu de um empuxo-a-gozar escópico: um comando de dar-a-ver, seja de mostrar-se inocente, seja de tornar-se visível. De toda forma, na sociedade escópica, para existir, é preciso ser visto pelo Outro. E assim se instaura a renovação do velho cogito religioso: o Outro me vê, logo eu existo. Por conseguinte, podemos afirmar que há uma tendência para ocorrer uma paranóia de massa.

Na modernidade, conforme Andrade (2002), a sociedade escópica parece ter optado pela redução ao ser-visto: seja pela indução ao tenha-seu-minuto-de-fama (em programas de televisão), seja pelo controle visual de uma vigilância permanente. O autor explica que tal redução tem como consequência o ideal da transparência. Apresentados os argumentos teóricos que procuram explicar a sociedade escópica e, conseqüentemente, a configuração na atualidade da sociedade do espetáculo, vamos buscar exemplos de temáticas da atualidade que possam ilustrar melhor a discussão, principalmente, a partir de uma análise dos produtos da cultura de massa que exemplificam bem as questões colocadas, anteriormente, sobre o papel do olhar na contemporaneidade.

No ensaio **Imaginar e Pensar**, a psicanalista Kehl (1991) faz uma análise de como a televisão aciona o princípio do prazer em detrimento do princípio de realidade. Ela explica que, se as crianças são incentivadas a ficar horas frente à tela de televisão ou, pensando na atualidade, frente à tela de um computador ou nos jogos de video-game, tendem a encontrar um mundo pronto, em que tudo acontece facilmente, sem frustrações. São incentivadas a consumir o que

é de fácil assimilação. Não encontram negativas. Não há ninguém para dizer não.

De acordo com Kehl, esse contato exacerbado com o mundo das imagens pode levar a criança ou mesmo o adulto a se afastar da realidade e a passar a evitar lidar com situações do cotidiano, que, muitas vezes, são da ordem da frustração. Nesse sentido, a mídia surge como uma fuga da realidade ou do princípio de realidade. A criança que não cresce em meio ao convívio social e depara com as frustrações, principalmente as que vêm do contato com o outro, tende a se tornar uma pessoa imatura na vida adulta. Não aprendeu a lidar com a realidade, com as frustrações e com a negação. O mesmo acontece hoje em dia com os adultos que, cada vez mais, têm se refugiado na internet para não se deparar com as situações de conflito da realidade.

II – A lógica publicitária e o princípio do prazer: as estratégias de sedução e o processo de espetacularização da propaganda política

Ao trabalhar com a idéia de espetacularização da vida social, Gomes (2004) explica que, nos dias atuais, o campo midiático ocupa um espaço de centralidade, torna-se, portanto, o mediador da vida social. Para o autor, a mídia surge para atender a uma demanda do sistema produtivo capitalista, tendo em vista que ela cria necessidades, a partir da lógica publicitária. Se formos pensar hoje nas inovações tecnológicas, como o celular, o computador, em suas formas mais sofisticadas, percebe-se que o consumidor se sente como aquele indivíduo que tem plena necessidade de a cada dia trocar o seu objeto por um outro mais moderno. Trata-se do fetiche que é criado na mercadoria, como já tinha apontado Karl Marx.

Gomes explica que, em função de duas situações, os campos sociais (política, esportes, ciência etc) são obrigados a recorrer à mídia para terem visibilidade. Em primeiro lugar, porque hoje para estabelecer um contato com o público é necessária a mediação da comunicação de massa. Um líder político não consegue chegar ao seu eleitorado a não ser pela mídia. Outra explicação é que existe uma demanda cognitiva do sujeito para saber sobre o atual estado do mundo e é a mídia que supre esta necessidade ao trazer aquilo que é considerado informação.

Por isso, ao buscar se adaptar à lógica midiática, Gomes afirma que tais campos sociais acabam se tornando espetacular. Isso porque, para o autor, a mídia tem uma natureza espetacular. Ele conceitua espetacularização como o processo em que são acionados três subsistemas: (a) ruptura das regularidades

– trazer sempre a idéia do novo, do surpreendente, (b) a dramatização - gerar drama via personalização; (c) diversão – tudo deve entreter o público.

Soares (2002), por sua vez, faz uma diferenciação entre as estratégias de persuasão e sedução. Ele utiliza tais conceitos ao explicar o mundo da política, mas que podem ser relacionados a outras esferas da vida social. A persuasão está relacionada à idéia da argumentação lógica, baseada na racionalidade. Refere-se à idéia de arte retórica de Aristóteles. Vence aquele que tiver o melhor argumento. Ao contrário, se a persuasão é a arte do convencimento, a sedução é a forma de atrair o público pela emoção, pela afetividade. Recorre-se, portanto, à concepção de arte poética de Aristóteles, no sentido de despertar emoções, seja a comoção – pelo trágico – ou a ironia – pelo cômico.

Percebe-se hoje que a mídia tem utilizado muito mais estratégias de sedução a fim de capturar a atenção do público. Mesmo em programas que deveriam ter uma linha mais persuasiva, como telejornais, programas políticos ou programas de entrevistas, a linha da sedução tem sido mais explorada, gerando uma espetacularização da vida social.

A discussão de Soares pode ser articulada aos conceitos de consciente e inconsciente de Freud. Se a persuasão, como forma de construção argumentativa do pensamento, marca uma recorrência ao consciente, a sedução aciona o inconsciente, desperta o desejo a partir do olhar. Por isso, a cultura de massa, vista como uma fuga da realidade (entenda-se aqui a concepção também de princípio de realidade), leva o indivíduo a um mundo onde tudo é possível e impera a felicidade. Trata-se, no entanto, da idéia de gozo, tendo em vista que as expectativas acionadas não são efetivamente realizadas.

A propaganda política, nas últimas décadas, passou por transformações, procurando se adaptar à lógica dos meios de comunicação de massa, à lógica midiática, que regida pela espetacularização. O espetáculo aciona o olhar e coloca o espectador na posição de *voyeur*, aquele que assiste passivamente aos apelos. Os políticos, os programas eleitorais, exibidos no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), são transformados em produção e têm como principal estratégia seduzir o sujeito.

São criados mundos de natureza ficcional em que os candidatos e as suas plataformas de governo são vendidos acionando sempre o princípio do prazer. Trata-se de um mundo em que tudo é possível - o fim do desemprego, condições ideais na saúde e na educação, pessoas vivendo felizes. Em 2006, na campanha para a eleição presidencial, isso ficou evidente na propaganda política do então candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ao mostrar um Brasil feliz, o programa apresentava famílias contempladas pelos projetos sociais (Bolsa-Família). A imagem na televisão acionava a idéia de indivíduos felizes,

superando os seus problemas com a ajuda do governo. Lula era mostrado como o líder que tinha resolvido as carências da população de baixa renda. Com a vitória do petista na eleição, pode-se inferir que o mundo ficcional construído em sua propaganda atraiu mais o eleitor.

Como as disputas políticas para cargos majoritários (presidência, governo do Estado e Prefeituras - médio e grande porte) são centralizadas no espaço midiático, as estratégias de sedução são cada vez mais acionadas em detrimento da persuasão, do debate argumentativo. A lógica da cultura de massa é capturar o espectador pelo princípio do prazer e afastá-lo do princípio de realidade. Esta catarse faz com que ele se sinta menos frustrado e crie expectativas em relação ao futuro. Este é o mundo da política-espetáculo.

III – Considerações finais

Uma das tendências do campo científico, na contemporaneidade, é buscar a interdisciplinariedade como forma de enriquecer as análises sobre os fenômenos. Hoje, a mídia ocupa uma posição de centralidade na sociedade, em que os demais campos sociais adquirem visibilidade e procuram legitimar suas ações. Os meios de comunicação, no entanto, têm uma lógica de funcionamento, marcada pela espetacularização (Gomes, 2004).

Para entender os mecanismos de espetacularização, torna-se rico criar esta interface com o campo da Psicanálise, principalmente quando estamos nos referindo à televisão, que é um meio que tem no olhar a sua forma de capturar o espectador. Os conceitos e contribuições psicanalíticas, como foram apresentados, articulam-se de forma interessante com as discussões acerca da lógica publicitária que rege a mídia. Sedução, princípio de prazer, princípio de realidade, inconsciente são conceitos que podem ser aplicados à compreensão dos fenômenos midiáticos.

A política, por sua vez, ao se ver cada vez mais imbricada com a esfera midiática, torna-se também um campo social que tem atraído o seu público, principalmente pelas estratégias de sedução. O olhar passou a ser a forma mais eficiente de acionar o eleitor nas campanhas eleitorais. Na era da política-espetáculo, são fabricados mundos ficcionais que convidam o espectador a fugir da realidade e a mergulhar num plano de realizações e de felicidade.

Dessa forma, torna-se rico compreender a propaganda política a partir da sua interface com a Comunicação e a Psicanálise. São campos distintos, mas que se mesclam quando se parte da compreensão de que os fenômenos midiáticos são, por natureza, fenômenos culturais que podem ser entendidos à luz desta interdisciplinaridade.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Antonio Luiz Quinet de. **Um olhar a mais: ver e ser visto em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **O olhar e a voz**. Lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- BIRMAN, Joel. **Espaço público e intimidade na sociedade do espetáculo**. Belo Horizonte: Uni-BH, 2002. (Conferência ministrada no Uni-BH).
- DÉBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In Obras completas. Rio de Janeiro: Delta, 1972. v. 3.
- _____. (1910) **A concepção psicanalítica do problema psicogênico da visão**. In Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 11.
- _____. (1913) **Totem e tabu**. In Obras completas. Rio de Janeiro: Delta, 1972. v. 3.
- _____. (1929 -1930) **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- COMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.
- KEHL, Maria Rita. **Imaginar e pensar**. In NOVAES, Adauto (org.). Rede imaginária: televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 60-72.
- LASCH, Christopher. **O mínimo eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Espetáculo, mídia e política**. ENCONTRO ANUAL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL (COMPÓS), 26º. *Anais...* Rio de Janeiro: Compós, 2002. (mimeo).
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SOARES, Murilo César. **Lula na TV: aspectos e limitações da retórica eleitoral do PT**. ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), XI, e ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 11º. *Anais ...* Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2002. p. 1-15.